

«Tamborilam nesta antologia as gotas incessantes de uma chuva de enigmas citadinos e de memórias parcialmente apagadas, redesenhadas ou fantasiadas, que nos oferecem uma das melhores antologias de ficção especulativa já publicadas em Portugal — se não a melhor.»

— **Nuno Ferreira** —

«Uma antologia que nos faz experienciar e imaginar uma realidade diferente, com cidades e personagens arrepiantes, misteriosas e mágicas.»

— **Marta Ambrósio** —

ANTOLOGIA DE FANTASIA URBANA

OS MEDOS DA CIDADE

Pedro Coelho

Nuno R.

André Moreira

Ângelo Teodoro

AMP Rodriguez

João Cerqueira

Nuno Amaral Jorge

Ana C. Reis

Gonçalo Diniz

A. M. Catarino



Editorial Divergência

Dezembro de 2025

FICHA TÉCNICA

Título: Os Medos da Cidade

Autores: Pedro Coelho, Nuno R., André Moreira, Ângelo Teodoro, AMP Rodriguez, João Cerqueira,
Nuno Amaral Jorge, Ana C. Reis, Gonçalo Diniz, A. M. Catarino

Coordenação editorial: Diogo Resende, Filipe Heath e Pedro Cipriano

Edição: Diogo Resende

Revisão: Diogo Resende e Filipe Heath

Artista de capa: Dália Rodrigues

Composição: Dália Rodrigues

ISBN: 978-989-9306-93-6

Este livro foi composto pelos tipos:

Vinyl Stickons, Built Titling e Palatino Linotype

©2025 Editorial Divergência, Lda

©2025 Pedro Coelho, Nuno R., André Moreira, Ângelo Teodoro, AMP Rodriguez, João Cerqueira,
Nuno Amaral Jorge, Ana C. Reis, Gonçalo Diniz, A. M. Catarino

©2025 Dália Rodrigues

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Grupo Editorial Divergência

Centro de Negócios de Ansião, Gabinete 8

Parque Empresarial do Camporês 3240-465 Chão de Couce, Portugal

Website: <http://divergencia.pt/>

E-mail: geral@divergencia.pt

Telefone: 928 155 850

O Grupo Editorial Divergência e a Editorial Divergência são marcas da DNL Convergência, Lda.

Esta obra segue o Acordo Ortográfico de 1945.

Este livro foi criado por humanos, para humanos. Nele, não foi utilizada inteligência artificial generativa, e proibimos que o seu conteúdo e arte sejam utilizados para o treino e desenvolvimento de modelos e tecnologias de inteligência artificial.



ANTOLOGIA DE FANTASIA URBANA

**OS MEDOS
DA CIDADE**

The image features a minimalist design with several large, solid black rectangular blocks of varying sizes and orientations. These blocks are arranged in a way that creates a sense of depth and shadow, with some appearing to be stacked or overlapping. The background is a clean, bright white. The overall aesthetic is modern and graphic.

PEDRO COELHO

Pedro Coelho, 22 anos, um estudante universitário licenciado em Bioquímica e agora a frequentar o mestrado em Investigação Biomédica da Faculdade de Medicina da Universidade Nova de Lisboa, com o intento de se tornar investigador científico na área das Neurociências. Apesar desta escolha, nunca deixou para trás o gosto pela escrita, seja com base em ficção científica ou terror psicológico. Um português orgulhoso de o ser e sempre com vontade de o mostrar abertamente.

**ÀS QUE
NO TEJO
SE
AVISTAM**

Lisboa é uma mulher, culta e sábia, já de idade, que muito experienciou e dá a experimentar a quem bom olho tem. Fundada pela sua semelhança a Roma, no extremo da Europa, esta cidade mantém-se imponente, junto ao seu grande amigo que desemboca no Atlântico, o majestoso Tejo. Sempre me intriguei com as origens de rumores e lendas desta velha mulher, e não é por acaso que a minha curiosidade despoletou ao, um dia, virem-me aos ouvidos rumores, de certo modo incompletos e imaturos, de estranhos avistamentos sobre a superfície deste fiel amigo de Lisboa. Pode parecer supersticioso, mas para mim, uma certa magia parece emanar de lugares como este. As histórias e segredos que se escondem do povo e que, por vezes, se descuidam e caem em rumores e lendas, provocam em mim um sentimento de angústia por querer saber o que está para além de simples palavras como “estranhos avistamentos sobre a superfície do Tejo”.

Mas só com simples palavras como estas não se obtém grande direcção. Se de algo vivo se tratará com certeza que se afasta da margem de Lisboa, tão movimentada que é tanto em terra como no rio, porta para o mundo, outrora por nós descoberto. Porém, na margem oposta, de onde Cristo olha a Mulher de braços abertos, o movimento é relativamente menor. Lembro-me de visitar um lugar lá, ao pé de um antigo cais, que não parecia estar em uso ainda, pelo menos para motivos comerciais e que mais, passando um pequeno museu naval e outro de arqueologia, dava-se de encontro com um pequeno jardim onde as pessoas gostavam de passar o fim do dia ou fazer as suas habituais caminhadas. Lembro-me deste jardim perfeitamente, a sua

calma e sossego, já para não falar da vista: num final de tarde, num dia de Verão, em que o sol beijava o oceano lá no fundo à esquerda e a cidade acordava para a sua vida nocturna mesmo em frente. Não tinha muito arvoredo, mas era suficiente para deixar o barulho de fundo da brisa a passar pelas suas folhas. Não era grande poeta, mas penso que tais condições seriam perfeitas para inspirar qualquer alma romântica. Foi então a sua calma, e o facto de não haver muita gente por perto, que me fez lá dirigir para inspecionar tais rumores.

Uma tarde decido ir de carro, estacionando perto do tal cais, e ao sair avisto o jardim, porém, o barulho que vinha da ponte, que antes era símbolo de opressão e agora liberdade firma, preocupava-me, não fosse tal barulho afugentar o que quer que fosse a origem dos “estranhos avistamentos”. Podia até ser mesmo um simples animal, talvez um grupo de golfinhos, decidindo aproximar-se da cidade por falta de barcos no rio, ou talvez montes de lixo provindos do interior e talvez até Espanha, de onde fluem estas águas. Mas a minha curiosidade era maior que a minha vontade de fazer alguma coisa aparentemente útil. Por isso, cheguei ao jardim, escolhi um sítio mais calmo perto da água que ligeiramente sobrepunha as pedras dispostas, e assim fiquei, sentado, olhando e escutando atentivamente o rio, procurando quaisquer sinais de vida para além dos pequenos peixes que se viam à borda do jardim. O tempo foi passando e nada, como seria de esperar. Nada de estranho, nem nenhum avistamento. Acabei por voltar a casa, já noite cerrada, tendo em conta que quase não havia iluminação no jardim nem ao pé do cais, um pouco desapontado, mas disso já deveria estar à espera. *Se os rumores fossem assim tão facilmente comprovados não seriam rumores!*, pensei eu, encontrando razão para voltar ao jardim e tentar a minha sorte no dia seguinte.

E assim se sucedeu. No dia seguinte, à mesma hora, plantei-me eu junto a uma árvore fazendo o mesmo que no dia anterior, mirando a superfície do Tejo, em busca de respostas a passageiros boatos. A brisa de novo agradável, a paisagem de novo ali estendida, Lisboa no seu esplendor e eu sentado à beira do rio, esperando que algo acontecesse. E nada. Nada surgiu, nada me chamou. Apesar de estar novamente

desapontado com os resultados, algo me dizia que deveria continuar a tentar, então, no dia seguinte, voltei. O mesmo. Nos dias seguintes também. E no a seguir, e no a seguir desse também, até que quase como que se tornou rotina eu deslocar-me até àquele jardim, sempre à mesma hora, depois do trabalho e mesmo até ao fim de semana. Não houve um dia que tivesse faltado, fizesse chuva, sol, nem que nevasse (o que não aconteceu)! Mas independentemente do meu número de tentativas, nada acontecia. Eventualmente aborreci-me de tal rotina inútil e desisti parcialmente desta “pseudo-aventura”, mas continuei a deslocar-me pelo menos duas ou três vezes por semana àquele jardim, a que me tinha apegado, de tanto tempo que lá tinha gasto. Era uma pequena escapatória que fazia, e acabava por, sempre que lá ia, fazer alguma coisa para além de olhar fixamente a superfície da água durante incessantes horas.

Comecei por trazer alguma comida para aproveitar um pouco melhor a paisagem, depois comecei a trazer livros, algum trabalho que ficou por fazer nesse dia, cheguei até a trazer amigos para fazer uns piqueniques à beira-rio, onde ríamos e discutíamos sobre coisas da vida, coisas banais. Alguma coisa me atraía constantemente para aquele lugar, algo que não consigo explicar, como se quando eu lá estivesse, nada mais importasse. Uma paz e sossego, preenchiam-me a mente, de modo tal viciante que comecei, de novo, a aumentar as minhas idas àquele lugar, quase passando lá mais tempo do que passava em casa. Sentia-me quase outro sempre que lá ia, até que um dia, estava eu a ler um pequeno livro que tinha trazido de casa, cujo título e assunto nem me lembro, recordo-me apenas de o levar e ter passado os olhos pelas palavras muito ligeiramente, até que, por alguma razão, vêm-me umas palavras aleatórias à cabeça que decido escrever na borda de uma das páginas, formando até breves versos, e assim continuei até me cansar. Fui a lê-los de volta e até que me agradou a forma como saíram. Nunca pensei sequer ter jeito para algo como aquilo, mas talvez fosse apenas o ego a falar naquele momento.

Seja como for, a partir desse momento comecei a escrever mais, trazia folhas e cadernos e escrevia sobre tudo o que me vinha à cabeça,

fosse pensamentos mais sérios, uns versos de cantigas, ou mesmo pequenas histórias que formava naquele preciso momento, sem saber para onde ir e sem querer saber para onde vou. A minha mão escrevia quase como reflexo naquelas páginas em branco que dia após dia se iam preenchendo, até cadernos e folhas começarem-se a empilhar no meu escritório, sobre a mesa, prateleiras, o que fosse. Alguns dos versos que escrevi, decidi, porventura, cantarolá-los um dia à beira do rio, o que me fez inclusive começar a trazer uma viola que tinha em casa a apanhar pó desde a minha juventude, numa daquelas vontades súbitas de querer um instrumento. Mal me lembrando de qualquer técnica, fui tocando e tocando, durante semanas, quase meses, o que me vinha à cabeça até começar a soar a alguma coisa de facto. E, por acaso, correu bem, passado esse tempo todo já tinha alguma prática e técnica suficiente para me passar por artista. Ou se calhar seria só o meu ego a falar de novo.

Vai parecer estúpido, mas quanto mais o tempo passava, mais coisas ia experimentando, até cheguei a tentar pintar e desenhar, coisa que jamais me imaginaria a fazer tendo em conta as minhas habilidades durante o ensino básico. Nunca fora o meu forte, e eventualmente descartei totalmente da minha mente. Mais estranho ainda era a maneira como as coisas corriam no trabalho, tudo se tinha tornado relativamente fácil e a maneira como o via perdia a sua negatividade. De certo modo até sentia-me mais aliviado, se bem que a minha cabeça andava constantemente a pensar em mil e uma coisas sobre temas do mais variados possível. Culminou tudo com a minha promoção a um cargo da direcção e acabei por ir festejar com os meus colegas e amigos àquele jardim, levámos comida e comida sem fim, álcool não faltando, e festejámos noite adentro. Posso dizer que nessa noite exagerei um pouco, talvez naquele doce vinho do Porto que alguém, por sorte, sorte a minha, tinha trazido e que eu me abarbatei sorratamente, e acabei por adormecer, em conjunto com mais uns dois ou três no relvado, sem quaisquer preocupações.

Foi nesse dia que as coisas mudaram. Depois da festa toda, alguém tinha chamado um agente, por causa do barulho talvez, e muito

simpaticamente mandou-nos embora. Levantei-me meio cambaleando, levando a minha preciosa garrafa e lembro-me de ter deixado cair um caderninho do bolso, ao qual virei-me para atrás e estando tudo tão escuro, e eu tão bêbado, ignorei, deixando-o lá para o vir buscar no dia seguinte, o que era lógico para mim naquele momento pelo menos. Cambaleei até ao carro de um colega meu e ele lá me levou até casa.

Acordei no dia seguinte, ou na tarde seguinte, para ser mais exacto, e a primeira coisa que me lembrei quando a ressaca já tinha maioritariamente passado foi o caderno. Não era grande urgência, mas, de novo, algo me fez sair de casa para o ir buscar. Nessa tarde havia bastante trânsito graças a um acidente, por isso quando cheguei ao jardim, já passava das nove da noite. Ainda se vendo um pouco de luz no horizonte, já o sol se tinha posto, procurei com a ajuda do telemóvel o tal caderno, mas, infelizmente, sem sucesso. Passados uns quinze minutos desisti, e como a dor de cabeça estava a voltar, abanquei na relva junto ao rio, a descansar.

Adormeci, e assim fiquei durante umas horas, ao relento, com o som da ponte vindo da esquerda, a luz da cidade em frente e a água a ondular levemente até chegar às pedras junto a mim. Calmo e sereno, mais nada importava. Mas, de pouco a pouco, uma estranha voz foi-me acordando até certo ponto que comecei a pensar que poderia ser um polícia novamente e levantei-me já a pedir desculpa pelo incómodo, meio em sussurro. Apesar dos meus gestos e desculpas, a estranha voz não parou, e estando já completamente acordado, notei que não estava ninguém perto de mim, e de que não se tratava de um agente. O que era, não sabia, mas a voz foi ficando cada vez mais clara, e o que me dizia era particularmente familiar. Uma voz suave e calmante, agradável de se ouvir, soava à minha volta, proferindo palavras que conhecia, como se me chamando. Olhei em volta procurando o dono de tal voz e apesar de não encontrar ninguém, distingui que a voz, cada vez mais claramente audível, pertencia a uma mulher ou ao menos soava pertencer.

De uma voz surgiram outras duas que declamavam frases e versos em concordância, quase como que uma melodia. De duas vozes

surgiram ainda mais duas, formando um quarteto de instrumentos vocais mais afinados que qualquer outro cantor ou cantora que alguma vez tivera ouvido. Medo não sentia porque as suas vozes me faziam sentir em segurança, mas a expectativa crescia, querendo saber o que se passava e certificar que não estava a ouvir coisas. Dando voltas e voltas sobre mim mesmo, seguindo o que me parecia ser a origem da voz, acabei a tropeçar e cair sentado virado para o rio, vendo as luzes da cidade reflectidas, parecendo um autêntico espelho para outro mundo, de tão calmas que as águas estavam, fluindo apenas para a foz. Foquei a minha visão na superfície do rio e, de repente, algo surge lá ao fundo, quebrando a imagem surreal reflectida, formando pequenas ondas à sua volta. Sustenho a respiração por um momento, até que mais à esquerda o mesmo acontece. Algo vem à superfície da água e desaparece na negridão do rio novamente, agitando as águas. Não se vêem barcos a passar, a ponte ruge levemente com os poucos carros que por lá passavam àquela hora, e o rio anormalmente agitava-se face a esta calma. Nada senão estranho. Mais três objectos surgem à superfície, desta vez mais perto de mim. Gradualmente o número aumenta e a distância entre mim e o que quer que fosse aquilo diminuía. As vozes intensificavam-se como uma orquestra que atingia o clímax e o movimento da água já era audível o suficiente para perceber que estava de facto a aproximar-se. Dezenas e dezenas de vultos que apareciam e desapareciam constantemente, mergulhando e vindo à superfície, mas sem conseguir perceber o que era. Quando o primeiro chega ao pé de mim, cerca de 5 metros à minha frente, na água, junto às pedras onde as ondas se tinham intensificado, pareceu erguer-se e ficar imóvel, como se esperando algo.

Outras sombras aproximaram-se e fizeram o mesmo. Criando ainda mais expectativa, a lentidão com que surgiam dava cabo de mim. Jamais pensaria em fugir. O que queria era saber e descobrir. As vozes amainam e acalmo-me assim também, percebendo finalmente do que se tratava o canto melódico que me tinha acordado. Eram passagens do caderno que havia deixado para trás na noite anterior. Aperfeiçoadas com um tom de voz e declamação suave, nem me tinha apercebido de

que era eu que tinha escrito tais frases e versos. Os vultos pararam de se mover e em mim se focavam, como se esperassem qualquer coisa da minha parte. Momentos passavam e nada acontecia. Senti-me, a certa altura atrapalhado e sem saber o que dizer, tanto que descartei o tentar perceber a forma dos vultos para tentar conjurar uma espécie de cumprimento, ou talvez até agradecimento, pela bela serenata. Mas nada. Nem da minha parte nem da parte destas estranhas aparições.

Foi aí que deram o primeiro passo, juntaram-se todos os vultos uns aos outros nas pedras junto ao rio e a água remexia-se como se alguma coisa tivesse saído lá de dentro. Pegadas nuas e molhadas ouviam-se nas rochas e dei um passo atrás, um pouco receoso, e fiz qualquer barulho que os vultos se afastaram um pouco repentinamente, mas depois continuando com o movimento, até pararem, já em superfície, escondendo-se nas rochas. O silêncio predominava de novo, até que tive a coragem de soltar umas palavras desajeitadas.

— B-boia noite... O que posso fazer por vós? — gaguejei eu um pouco até me aperceber do grau de cordialidade com que cumprimentei o meu estranho público. Moveram-se como se estivessem a olhar umas para as outras e soltaram pequenas e suaves risadas de quem tinha adquirido interesse. Uma das formas levantou-se ligeiramente e veio na minha direcção, revelando-se.

Uma elegante silhueta estava perante mim. Por detrás dela, a luz de Lisboa subitamente intensificava-se suficiente para descobrir finalmente o que se deparava perante mim. A paisagem declarava-se finalmente e uma esbelta mulher, de cabelo escuro, longo e encaracolado, que lhe chegava à cintura, tapando-lhe o peito, molhado pelas águas do rio, assim como o seu corpo exposto, de pele esbranquiçada como neve, que dava aos olhos a sensação táctil de veludo, descalça e intrigante, olhando para mim com olhos profundos, de onde reluzia uma ténue luz azul-clara, e um sorriso gentil de um familiar já há anos distante.

Petrificado, apenas observei-a enquanto ela se aproximava e me rodeou uma vez sempre com o mesmo sorriso, quando subitamente quebra o olhar e vira-se na direcção do rio para os outros vultos, que se viam também ténues à luz de Lisboa lá no fundo. Olhos de dezenas de

mulheres de feitios, altura, rosto, cabelo, em tudo diferentes, iluminavam a orla do jardim com suaves cores, numa pintura que não excluía nenhuma cor conhecida e mesmo até cores que nunca dantes tinha visto, e não sabia sequer existir. As que surgiam agora do rio aproximavam-se de mim e quando chegam ao relvado param e sentam-se à minha volta com movimentos lentos e elegantes, formando uma audiência para o que parecia ser eu e a primeira mulher que do Tejo surgiu. Nenhuma palavra proferida, nem nenhum som vindo delas, apenas a vista que surgia diante de mim se impunha e me arrebatava.

De cabeça em branco, sem palavras e sem pensamentos, sem desejo ou medo, apenas branco como uma tela por pintar ou um caderno por preencher, fiquei espedado, de pé, lado a lado com a mulher de olhos azuis e rodeado pela orla de fadas, que outra palavra não consegui encontrar. Tento recordar-me da minha deixa, como se tivesse treinado para aquele momento, mas nada me vem à cabeça e limito-me a soltar alguns risos nervosos de tanto que tremia. Parecia tudo uma alucinação, nada parecia real, mas eu sentia que o era. Elas olham uma para as outras com um sorriso gozador, mas gentil, tentando não me espantar ainda mais. A mulher dos olhos azuis ao meu lado chama pelo meu nome e olho directamente para ela, focando-me de novo nos seus olhos. Ela chega as suas mãos ao meu rosto e acolhe-me a face.

— Tu, que a ti nos revelamos... É a tua pessoa o autor de tais cantos?... É a ti que procuramos?... Ou és apenas outro que desconhece tais encantos? — Com uma voz ligeira tentou acalmar-me ao mesmo tempo que pedia provas de que era eu, presumia, o autor da melodia que me tinha chamado à atenção quando acordara. Acenando a cabeça que sim, meio nervosamente e agarrando as suas mãos ainda no meu rosto, um sorriso de ansiedade surge nas caras de todas elas e pequenos sussurros passavam entre o círculo. A mulher que me abraçava vira ligeiramente a face em torno delas e o silêncio retoma. — Então declama... Teus versos... Tua chama... — Por muito estranho que possa parecer, acenei a cabeça que sim, e com um novo sorriso, ela virou-se de costas e foi-se sentar no centro, junto às outras.

Agora, ainda com a cabeça em branco, estava mais perdido que

nunca. Olhava para cada uma delas, olhos nos olhos, uma de cada vez, e mesmo assim nada me surgia. De instinto, fui de mão ao bolso, e, por sorte, dei de encontro com um pedaço de papel, que apalpei e percebi ser um rascunho de uns versos desajeitados que tinha escrito há já algum tempo. Não tendo sorte nenhuma com a minha cabeça, tentei então com o que tinha em mão. E assim foi, num silêncio de morte, a minha voz irrompe num tom nervoso e extremamente desajeitado, passando pelos versos como uma criança que mal teria acabado de aprender a ler e que a cada palavra se envergonhava de tal forma que me fazia querer apenas fugir. Mas de alguma maneira fui até ao final. Sem nenhum comentário por parte da minha plateia durante o ridículo espectáculo, consegui eventualmente chegar ao fim do excerto naquele pedaço de papel. Quando acabei, ainda fiquei a olhar durante uns tempos o papel, até perceber que estava a olhar para as minhas próprias mãos, sem quaisquer vestígios de existência desse objecto. Confuso, olhei em volta, e os olhares que se fixavam em mim clarearam e palmas surgiram, no meio de risadas e pequenos sussurros. Não estava muito certo do que estava a acontecer, aliás, desde o início que isso acontecia, mas de algum modo agradeci ao meu público. A mulher de olhos azuis fez-me então sinal para eu me sentar em frente dela e seguindo os seus gestos, assim correspondi. Todas chegaram-se ainda mais perto como se fosse alguma espécie de animal do jardim zoológico, o que me deixou desconfortável, já para não falar na aparência e estado de todas estas figuras femininas cujo interesse único parecia ser eu.

— Temos-te ouvido o tempo todo. — Começou a mulher de olhos azuis com uma voz melódica. — Faz já anos da última vez que assim aparecemos, hoje em dia pessoas como tu são raras... Assim que te ouvimos logo percebemos, e vimos assim que o caderno largaras, uma oportunidade para finalmente te conhecer, mas acho que primeiro preferias algumas coisas esclarecer? — A forma estranha como falava ressoava na minha cabeça, fazendo me distrair do presente, mas ao dar-me uma oportunidade para perguntar-lhes tudo o que supostamente tinha para perguntar, assim aproveitei.

— O que são vocês? De onde vieram? Ouviram-me o tempo todo? Como assim? E agora, que querem de mim? Devo-vos alguma coisa em troca? Honestamente estou um pouco confuso, mas... — Nervosamente, despejei questões rapidamente, e em vez de obter resposta, fui interrompido pelo riso geral de todas elas. Houve duas ou três que até alto se riam, e esbocei um sorriso, mas não percebi sinceramente a graça.

— Escusas de te apressar, que não vamos a lado nenhum... — começou uma ruiva que limpava uma lágrima dos olhos de tanto rir. — Nós somos os rumores que aqui te fizeram chegar, e os rumores são a nossa obra para gente comum — continuou uma loira de olhos verdes de menor estatura que as outras. — Somos reais assim como somos ilusões, apenas nos mostramos a quem se mostra digno. — Uma outra mulher aproxima-se mostrando a sua pele que era negra. — Dignos são os que mostram boas convicções, que têm boa mente e livre do pensamento maligno. — Acaba ainda outra de cabelo meio arroxeadado, que parece ter um ar mais melancólico, e a mulher dos olhos azuis recomeça.

— Viemos para te conhecer... se quiseres que nos vamos embora, basta assim dizer, que vamos sem demora. — Imediatamente respondi que não, demonstrando interesse crescente no que elas tinham para me dizer. A mulher sorriu e continuou. — Somos gentes de longa vida, nadamos pelo Tejo constantemente, vimos Lisboa ser erguida, e todos os tempos de antigamente... Mas com o tempo vem a solidão, mais o grande tormento do tédio, por isso procuramos por pessoas que nos entreterão, que boa companhia é sempre o melhor remédio... Porém no início não havia ninguém que ficasse, com medo de algo que desconhecemos. Não sabíamos o que fazer para que alguém nos amasse, e durante muito a morte tememos. Somos vivas graças aos rumores que as nossas existências sustentam, e para os suster algo teríamos de fazer, por isso demos às pessoas aquilo que eles não têm, e em troca elas dar-nos-iam o nosso único prazer. E disso tu és capaz, certamente, demorámos tempo a confirmar, mas depois de te conhecer mesmo assim tão de repente, temos a certeza de que te vamos adorar... Pedimos-te

apenas que nos entretinhas, com as tuas histórias, versos e aventuras, e mesmo que aches que não as tenhas, ajudar-te-emos com as tuas histórias futuras...

Após pensar um pouco nisto tudo, pelo meio do meu espanto, e a paz que a mulher transmitia, nada tinha contra, apesar de não estar muito confiante se as conseguiria então entreter. — É uma proposta que me agradaria muito, de facto, mas acha mesmo que serei capaz? — perguntei-lhe, tentando arranjar um pouco de coragem.

Ela riu-se e assim me disse: — Começemos assim, os nossos nomes dependem sempre de quem nos entretém, arranja nomes para elas e para mim, e depois se vê o que a seguir vem... — Ao dizer isto, todas elas se agitaram, com uma alegria imensa, saltando e abraçando-se umas às outras. Podia parecer fácil, mas a expectativa de cada uma era um peso crescente para mim, uma responsabilidade tremenda. Imagine-se dar o nome a um filho, agora imagine-se dar nome a cerca de duas dezenas e meia do que aparentavam ser mulheres adultas.

Engoli em seco e decidi começar. Olhei primeiro para a mulher que mais se tinha destacado durante aquele estranho encontro, a mulher de longos cabelos escuros encaracolados, de olhos azuis reluzentes, que me captavam o olhar constantemente, parecendo quase hipnose. — Íris. — Assim disse, e com um sorriso enorme ela agradeceu. Logo a seguir, irrompe uma curiosa, na expectativa de algo grandioso, parecia, de cabelos castanhos, curtos, dando-lhe pelo pescoço, e olhos castanhos, profundos que parecia já ter visto de tudo, mas mesmo assim continuavam esperançosos. — Ágata — disse o primeiro nome que me veio à cabeça ao olhar para ela.

Outra, uma loira de cabelo bastante comprido e olhos azuis quase tão viciantes como os de Íris, parecia-me olhar de um modo sádico, que me arrepiou um bocado, mas o que mais se notava nela era o seu cabelo loiro como o ouro que emanava uma certa luz. — Lúcia. — O sorriso dela tornou-se ainda mais desconfortante e ela assim agradeceu.

A mulher negra que tinha estado a maior parte do tempo de pé, quase como querendo afirmar a sua posição mas com um aspecto gentil. Algo nela me intrigava e ao mesmo tempo me desconfortava,

e os seus cabelos, olhos e pele que eram escuros como à noite mostravam uma beleza intrigante, mas que rugia de energia. — Diana. — Assim a chamei. A que me chamou a atenção logo de seguida foi uma mulher que se tentava passar despercebida no meio das outras, com olhos vazios, e um ar pensativo e depressivo. O seu cabelo atingia tons de roxo que reflectiam a luz vinda da lua de uma forma única, e a sua aura mostrava solidão, com uma vontade de saber mais sobre ela. — Leonor. — Ela olha para mim e aceita-o, um pouco mais deprimida.

Tantas outras havia que não parecia ter fim. Com diferentes aparências e até talvez nacionalidades, se é que se podia aplicar esse termo, histórias que o seu corpo, postura e olhar contavam subtilmente orientavam-me para os seus estranhos baptismos que tanto me faziam sentir um pouco desconfortável com a importância de tal cargo, como me faziam sentir entretido, tentando imaginar as suas histórias e origens, o que teriam para contar, o que teriam visto. Sara, Beatriz, Maia, Luna, Isabel Alice, Aurora, Bianca, Márcia, Sandra, Cíntia, Safira, Mara, Rosa, Rute, Vera, Flora, Elsa, Raquel e Amália foram os nomes que dei, no fim de tudo.

À medida que lhes ia dando nome, havia sempre algo que acontecia à sua volta. Uma luz específica começava a emanar sobre elas, iluminando-as e o seu redor, fazendo o jardim parecer um espectáculo de luzes, o fogo de artifício mais belo que já alguma vez existiu. Cada uma com vivacidade diferente, pareciam ter até grupos entre si que pareciam dar-se melhor, por vezes abraçando-se ou colocando a cabeça sobre as pernas de outra, descansando, ou até mesmo a arranjar o cabelo umas das outras. Umhas poucas armavam confusão, testando a paciência das que pareciam mais susceptíveis a gozos. Mas também havia quem ficasse mais sozinha, ou porque assim queriam estar ou porque por alguma razão assim chegou a ser. Íris e eu estávamos no centro disto tudo, falando sobre tudo o que lhe perguntava, tudo o que me vinha à cabeça. Quando lhe perguntava coisas mais específicas sobre de onde elas vinham ou o que tinham visto, ela dava uma breve resposta, dizendo-me que tudo vinha a seu tempo e que com o passar do tempo ela iria-me contar tudo, e se eu quisesse e conseguisse, talvez

conseguisse o mesmo das outras todas. A certa altura ela calou-se e ficou a olhar o horizonte e começou.

— Parece estar na altura de ir, infelizmente assim terá de ser, amanhã adoraríamos que chegasses a vir, mas se não quiseres assim terás de nos esquecer. — Ela levanta-se enquanto as outras começam a mergulhar de volta no rio, cantarolando alguma coisa que não tomava atenção.

— Espera! — chamo Íris, ainda duvidoso. — Eu daria tudo por voltar a ver-vos, mas não sei se conseguiria fazer o que me pedem... Só recentemente é que comecei a fazer este tipo de coisas e com certeza que vocês arranjariam melhor, mas mesmo assim... eu...

Íris sorri gentilmente e diz-me: — Quando te pedi para nomes nos dares, como o conseguiste fazer? Não foste apenas por nomes vulgares... Não foi para te a vontade satisfazer? A vontade de criar, nomes, lugares o que seja, foste tu que foste lá dar, graças apenas como a tua mente se maneja. Nós vimos em ti o que precisamos, só resta tu te aperceberes. Estaremos aqui sempre que desejarmos, esperando-te a ti e os teus saberes...

Sentindo-me um pouco melancólico com a situação, tentei-lhe responder, antes de elas desaparecerem nas profundezas escuras do Tejo como as outras tinham feito, reduzindo a luz cada vez mais. — Assim tentarei! Mas como posso saber que vocês estarão cá amanhã?

Ela volta-se de costas para Lisboa e volta-se para mim: — Quando te sentires pronto, vem a este mesmo lugar, sussurra para o rio e sem desaponto, as quadras deves declamar... — Dito isto, desapareceu o último dos vultos na água e a escuridão voltou de uma maneira que era impossível saber para onde ir. Só as luzes de Lisboa, o barulho dos carros na ponte e as águas do rio a acalmarem-se ocupavam os meus sentidos. Na minha mão sinto um pedaço de papel ao qual aponto o meu telemóvel e leio para mim duas simples quadras, as que Íris me indicou. A noite vai ainda a meio, mas parecia terem passado anos. Sentia um sabor amargo de angústia na boca, como se algo me estivesse em falta. Uma espécie de conclusão para o mais estranho dos momentos. O desejo de querer mais daquilo que agora tinha, e principalmente

a vontade de passar os olhos por aquelas almas e de me perder nos reluzentes olhos azuis de Íris, que não me saíam da cabeça.

Passei o resto da noite em branco. Não conseguia assimilar minimamente todos os eventos dessa noite. Nada na minha vida me podia ter preparado para aquela situação. Tive até medo de conduzir de volta para casa porque tudo à volta parecia uma ilusão. Perguntei-me a mim mesmo várias vezes se não teria endoidecido, ou se a ressaca tinha tido um efeito assim tão alucinatório, mas era impossível aquele longo momento não ter sido real. O pequeno papel com aquelas duas quadras, que ressoavam na minha cabeça, era senão uma pequena prova do quão real tudo tinha sido. Depois dessa fase, e aceitar a possibilidade de não ser produto da minha imaginação, vinha agora a parte da oferta que me tinham feito. Em troca de entretenimento, elas me recompensariam. Mas não era a recompensa em si que me ocupava o pensamento, mas sim o caso de desapontar aquele grupo de criaturas misteriosas e divinais que me tinha abençoado com a sua presença. A certa altura olhei para mim mesmo, e reparei-me quase a adorá-las, como se deusas se tratassem. Apenas se tinham mostrado a mim e feito esta oferta, mas tudo em mim fazia pensar nelas como algo diferente, impossível de explicar por meras palavras, uma sensação de solidão e desejo ao mesmo tempo, que me arrebatava cada vez mais. E cada vez que imaginava as suas caras desapontadas com o meu suposto talento, mais me perdia na loucura.

Nesse dia não visitei o jardim. Penso que até durante a semana toda. As pessoas à minha volta mostravam alguma preocupação porque pelos vistos parecia-lhes estar mal, de saúde ou o que seja. Ao final da semana, desespero virou raiva. Raiva comigo mesmo por me pôr neste lugar tão irritante e cheio de hesitação. No meio de uns espasmos coordenados e ter gritado comigo mesmo ao espelho. Peguei num caderno, furioso comigo mesmo, e mandei tudo para aquelas páginas, fosse o que fosse. Todos os meus pensamentos, todas aquelas vozes de incerteza, de encorajamento, de desespero, de raiva e de extremo desejo de pôr a minha vista e a minha pessoa naquela situação outra vez. Parecia um viciado em desintoxicação, e esses mesmos

sentimentos passara para papel e deixaram de existir apenas dentro da minha cabeça. Num desacato, desço até ao carro e conduzo com a tal raiva gradualmente a padecer e faço caminho durante a noite até ao cais, até ao jardim que tanto ansiava. Batendo os pés faço caminho até às pedras junto ao rio e congelo. Respiro fundo, e de repente a minha consciência volta à superfície. Mais calmo olho Lisboa lá no fundo, com o seu espectáculo de luzes, com a sua vida nocturna a acordar, pronta para uma noite inigualável, como as outras todas assim foram. Mas não é só isto que queria. Lembro-me do pequeno papel e retiro-o do bolso, onde o tinha por acaso colocado, e recordo as palavras de Íris, instruindo o que devia fazer. Debruço-me sobre o rio, e proclamo as duas quadras, soltando um último verso como um suspiro de alívio. Estava feito. Caí para trás e fiquei sentado. Finalmente. Fecho os olhos, quase como desmaiando de cansaço, mas antes de isso acontecer um coro de vozes em sintonia preencheu o meu redor e o som das águas a remexerem-se vibrou nos meus ouvidos. Encho-me de um grande sorriso e abro os olhos, desvendando o que se passava à minha frente.

Do escuro fazia-se luz. Com Lisboa como tela, surgiam os vultos que outras luzes de diversas cores emanavam. As suas caras e corpos revelavam-se de novo a mim e estranhamente reconhecia cada pormenor em cada uma delas, cada sentimento que me provocavam, e finalmente o nome que eu e mais ninguém lhes tinha dado. Calma e paz. Uma sensação de prazer comigo mesmo, como se estivesse no sítio certo à hora certa. Uns olhos azuis aproximam-se e um sorriso desvenda-se. Íris parece satisfeita.

— Receávamos o pior, mas ainda bem que decidiste voltar... Penso que agora estejas melhor, sempre queres a nossa oferta aceitar?

Quase que me vinham lágrimas aos olhos. E sem uma gota de arrependimento nem hesitação, soltei um sim. Uma celebração despoletou entre todas elas, danças, abraços, canções e um festival luminoso sem igual. Íris, parecendo calma, mas alegre, fez-me um gesto para vir com elas, enquanto todas começavam a nadar mais para dentro do rio. Um pouco confuso, segui as ordens dela sem as duvidar e entrei dentro de água, encharcando os meus sapatos e as minhas calças, tendo o

meu andar cada vez mais dificultado pela profundidade que atingia dentro de água. Ela afastava-se lentamente até que me agarra e puxa gentilmente, indo eu de boa vontade, mergulhando na escuridão do Tejo. Parecíamos nadar com extrema rapidez, e a certa altura abri os olhos e vi Íris e as outras numa algazarra à minha volta, nadando para trás e para a frente, mas avançando sempre rumo ao interior do rio. Sem me largar, Íris sorri olhando para mim e acalma-me já que estava a sustentar a respiração há algum tempo. E, de repente, surgimos nós à superfície, no meio do rio Tejo, de olhos postos na Grande Lisboa que ecoava diversas músicas, canções e conversas. Íris continuava sem me largar, impedindo que eu fosse ao fundo, parecendo quase como se estivesse sentado no meio do leito enorme de água, mesmo sobre a sua superfície.

Cada vez mais confuso, e completamente encharcado, tentava perceber o que se passava depois de me focar na paisagem. Íris abraçou-me pelas costas e sussurrou-me pelos ouvidos o que parecia ser uma língua completamente diferente. Sem tentar entender o que ela me dizia, senti a minha consciência a sair do meu corpo, olhando-me a mim, abraçado por Íris, que tão perto estávamos mais as outras todas que brincavam e cantarolavam à nossa volta. Olhando-nos de cima, de repente mudo o ponto de vista, observando a cidade, e aí começou a parte estranha. De uma forma como nunca me tinha sentido, parecia estar a observar todas as ruelas e edifícios, todas as igrejas e monumentos da Grande e Velha Mulher, filha de Luz e de Fado, de uma só vez. Um lugar reduzido a sensações, e o tempo reduzido ao olhar. Vi inúmeras paisagens, o crescimento e queda de civilizações, as culturas que por este sítio tinham passado. Batalhas, histórias de bravura e de derrota. Cicatrizes por sarar, miúdos de milhares de gerações a crescer no seio das Sete Colinas, contando-me as suas aventuras, romances e engenhos espalhados agora pelo mundo. Vi festas e festivais que manchavam o ar, a terra e o mar com uma vibração humana de esperança, felicidade, paz e comemoração. A partida de barcos, de que nem todos se voltaram a ver. Um misto de culturas harmonioso, que enfrentou percalços, mas de algum modo os superou.

Vi uma mulher orgulhosa, olhando para os seus filhos, de todas as cores, religiões, feitios e línguas a cuidar dela, enquanto ela lhes dava o mais que podia. Vi a melancolia de despedidas, descritas em versos chorados. Vi a melancolia dos aprisionados, que da morte fizeram sua salvação. Vi o rio tornar-se mais branco que o Paraíso e virar escarlata do sangue de escravos, regicídios, atentados e guerras. Vi revoluções febris darem um amanhã ao hoje. Vi o que nós não vemos. Quantas vidas por ali tinham passado. Quantos desastres ali tinham acontecido. Quanto era o significado de pequenas ruas, bancos de jardim e mesmo pequenos objectos e memoriais espalhados pelos veios da cidade. Vi todas as emoções, justificadas ou apenas de espontâneos vaipes, desde alegria, raiva, medo, até ódio, coragem e orgulho. Vi o que nos tínhamos esquecido. Recordei-me da minha humanidade, da minha origem e da minha responsabilidade à Terra, aos Mares e aos meus. Eu não era apenas um homem, eu era tudo aquilo que fundava as igrejas e palácios, eu era as obras literárias e epopeias, era eu a gastronomia dos pobres e dos ricos. Cultura, fé e engenho, que se destacavam e na minha mente se reestabeleciam, esquecendo o inútil e o estagno.

Não haveria palavras, nem línguas para descrever o que vi. Mais leve que uma pena, o meu corpo voltava a tomar mando da consciência, e o sentimento da água ondulado por mim volta. Os braços de Íris a suportarem-me, e as outras todas cantarolando para si o mesmo ritmo, quase como um culto de beleza a tentar trazer-me de volta. Olho nos olhos de Íris e ela intriga-se, esperando uma qualquer reacção. Depois de tudo o que me passou pela frente, nada poderia ter sido dito que fosse digno de assim o ser. Limitei-me a rir como um doido, rindo de felicidade, como se o grande portão do Paraíso se tivesse aberto injustamente apenas para mim. As outras juntam-se e riem comigo.

— Penso que agora estejas pronto, ainda tens dúvidas? Ou deixaste-te de te armar em tonto, com coragem para entreteres as nossas vidas? — Íris pergunta-me, como um pequeno orgulho por detrás do seu tom de voz.

— Jamais duvidarei de mim mesmo. Vejo agora que não era talento, mas olhos que precisava. Por favor, deixem-me tomar a responsabilidade de agradecer-vos pelo que me ensinaram.

Todas celebram, apenas Íris semicerrando os olhos, mais séria, agradada com a resposta.

— Então apenas terás de passar um pequeno teste, para decidir se assim é então. Queremos que faças aquilo que propuseste, não deixando ir essa coragem em vão.

Não havia qualquer motivo para não ir em frente e fazer de mim aquilo que sou, por isso apenas agradei e em voz alta soltei o sim mais certo de que havia proferido desde que vim a este mundo.

As danças retomaram, e, ainda agarrado por Íris, começamos a mexer-nos em direcção ao interior, seguindo o leito do rio até à nascente. O espectáculo de luzes retomou e atingimos uma velocidade inimaginável, passando Lisboa e vendo vilas, cidades e aldeias a beijarem este imponente rio. Parámos onde luz humana não se via, longe de qualquer urbanização, mas ainda no leito do rio. Íris deixa-me ir e assentou com os pés no fundo junto a uma margem com uma pequena colina, banhada apenas pela lua, como um holofote de um teatro apontado a mim. Nem pessoas, nem carros, nem casas se avistavam, apenas a natureza e os seus sons ocupavam o meu redor. As outras parecem tomar o seu lugar em diversos sítios, formando uma plateia. A luz que emanavam era fraca, e ficaram em silêncio. Íris interrompe-o com solenes palavras.

— Só vemos aquilo que destas águas conseguimos. Durante milénios, o que acontecia lá fora era-nos apenas contada por pessoas que nós escolhíamos, dando-nos a conhecer todos os momentos dos tempos de agora. É cada vez mais difícil saber o que se passa, se não há homem nem mulher que o saiba. E a vida torna-se escassa, sem espaço onde a imaginação caiba. Fazemos isto tanto para nos entreter, como para os Homens educar. O que daqui sairás a saber, queremos que aos Homens vás contar. Inspira-te e torna-te inspiração, espalha aquilo que achas certo. Quando tiveres pronto, começaremos a canção, e ficar-te-emos a ouvir mesmo aqui de perto.

Algo confuso, percebi a deixa. Subi um pouco mais alto no monte,



NUNO R.

Nuno R. nasceu em Moçambique, cresceu na Figueira da Foz e estudou Jornalismo no Porto. Viveu em Braga e em Atenas e a viagem de quem sai da sua terra para o desconhecido inspira uma boa parte das suas histórias. Escreve ficção científica, onde encontra meio de colocar questões em forma de narrativa. Graças às antologias da Divergência e da Imaginauta, desafiou-se a escrever em géneros de que era leitor, mas não escritor, como o Steampunk e a Fantasia Urbana.

ASAS, FURACÃO

A DEDICATÓRIA

Um não tardio. Assim resumia Palíndromo o seu poder. Depois de todos esperarem por ele, de contarem com a sua presença, o seu assentimento, apoio ou voz, podia ainda revogar o sim. Era um poder de veto, de reserva, para nunca usar se tudo corresse bem. Como um travão quando os indesejados avanços de alguém têm de ser interrompidos. Palíndromo era ambíguo, o seu charme feito de meios significados, de subtis inferências, de possibilidade e sugestão. Sorria em vez de dizer sim, piscava o olho como resposta a quem lhe atribuía um defeito, encolhia os ombros se lhe perguntavam se tinha segredos.

Aos 17 anos, era ao mesmo tempo frágil e ferozmente independente. Foi educado por uma mulher forte, que sempre acreditou nele e dele esperava sempre o melhor.

Palíndromo tinha uma paisagem dentro. E nem a sua pele conseguia ser fronteira. Ao passear pelo Jardim da Sereia, chegava a acreditar que era indistinguível das árvores, que a sua silhueta se camuflava de encontro aos azulejos e o seu corpo era semelhante a um tritão de mármore. Coimbra era o seu amor. O rapaz, virgem de intimidades físicas, sabia um *Kama Sutra* inteiro de segredos urbanos, de esconderijos e atalhos. Namorava a cidade desde tenra idade. A tia-avó sempre estimulou essa autonomia.

Esta intimidade com Coimbra tinha sido semeada por dona Inês desde o berço.

Mas só depois de se ver só é que descobriu o que era. Foi ao chegar a uma casa silenciosa, sem o som dos vinis que a tia-avó habitualmente tinha a tocar, que tudo se precipitou. Ali, a quietude era de morte. Um peso de inevitabilidade tornava o ar irrespirável. Sem poder gerir o caos, fugira, quase virando costas à sua cidade, de mágoa e solidão. Pela IC3 chegou ao Lorvão. Caminhou, feito bicho fora do habitat. De noite, os faróis dos carros eram como lanternas de ogres, perigos que se aproximavam numa velocidade impossível. O crescendo dos pneus no asfalto era aterrador. Assustava-se com a própria respiração, como se a morte o perseguisse ainda.

Tinha encontrado dona Inês sem vida, sua falecida mãe afectiva e única ligação familiar conhecida. A tia-avó já ali não estava, no sótão onde criara o sobrinho, junto às escadas do Quebra-Costas. Estava ainda o corpo, em forma de tia, sereno na forma como enchia a cadeira de baloiço. Mas um frio sobrenatural colava-se às paredes, apagava a respiração num sufoco. Teve de se aproximar e o que viu mudou tudo. As pálpebras ainda fechadas de dona Inês estavam acesas de uma luz muito quente. Havia um calor ali aninhado, as covas dos olhos como berços de almas. Ao tocar na mão que ainda segurava o livro, aquelas luzes escaparam-se dos olhos da mulher que o criou, iguais a pirilampos de uma inteligência assustadiça. Quis persegui-los com o olhar, mas o gelo dos dedos da tia-avó paralisava-o. O rapaz olhou para a sua mão e teve a sensação de que a tia só ali deixou este mundo. Algo chegava ao fim, pois o livro finalmente escorregou para o chão, como se estivesse à espera de um novo leitor e dona Inês pudesse então repousar. Ou seria talvez um início, uma porta aberta ao risco.

Ajoelhou-se e viu a capa de *Neverwhere*. Neil Gaiman, dissera a tia-avó em vida, tinha-a namorado numa vinda à Cidade dos Amores. Não importava que o escritor fosse da idade de um possível filho, ou que, segundo a tia-avó, o namoro tivesse durado uma tarde, dona Inês insistia que há amores infinitos que cabem numa gota de água. Não precisam de tempo nem de lugar pois enchem tudo. Este livro tinha um autógrafo, mas Palíndromo sempre desconfiara que dona Inês o comprara já assim, assinado. Nunca o tinha lido. A mãe, tia-avó

legalmente, usava-o como uma âncora, um livro de enunciar as emoções. Contava-lhe histórias sem sequer ler do livro. Com o volume pousado nas pernas, interrompia o baloiço da cadeira nos momentos de maior perigo. E prosseguia com um entusiasmo de mar alto nas façanhas mais heróicas. Fábulas incríveis passadas em Coimbra, que a tia-avó narrava como memórias da sua juventude. Uma cidade do avesso, seres que parecem ainda humanos, mas não o são, enigmas sem solução e um lugar que não está, que não se encontra, mas que é.

Palíndromo, ainda de joelhos, quase esquecido do cadáver da mulher que o criou, sente duas lâminas nas costas. Lâminas não, esferas ou gotas de lava ou coisa infernal que ardesse e furasse: um ácido sólido a entrar-lhe pelo corpo.

A dor deve ter aumentado de tal forma que desfaleceu. Acordou abraçado ao livro, a tremer de frio e a pensar que tinha tido um pesadelo. Mas a flanela dos chinelos de dona Inês tocava-lhe no braço e só pensou em fugir, fugir, fugir até chegar à fronteira da vida, ao limite do mundo e continuar a fugir. Caiu-lhe o livro, tropeçou nas cadeiras, feriu-se numa mão ao embater numa esquina e correu escadas abaixo, como um culpado de coisa feia.

A cidade, o seu amor, era um caos de luzes. Todo o ruído, a energia que emana da noite coimbreense, fazia-o suspeitar da realidade. Isto seria um sonho, um desses pesadelos em que temos ocasional lucidez e que logo se transforma noutra coisa. Os trajes académicos eram vestimentas de vampiros e o riso dos estudantes tinha um timbre demoníaco. Todo o mundo era cúmplice da morte de dona Inês. Talvez pudesse até voar dali para fora, ou desaparecer para acordar na Figueira da Foz. Pensou em praia, em montanha, em asas e barcos, em teletransporte, mas foi o medo, essa massa disforme sem redenção nem sentido que se materializou. Mordeu o pulso, pensando que acordaria. Estava a ficar preocupado, imaginava-se a enlouquecer. O que tinha acontecido? Ofegava, tentando não parecer um criminoso fugido do justo castigo. E julgava começar a arrumar as ideias. A dona Inês, morta. Nos olhos, luz. Nas costas, dor. Repetia, como uma oração ao deus do desespero. Mãe, morta. Olho, luz. Costas, dor. Mãe, olho,

dor, dor, dor. Não fazia diferença desejar ou não o sossego, ansiar por um momento de raciocínio sensato ou pela morte.

Era na fuga que poderia haver consolo. Demasiado esquecido do amor, fez de Coimbra um ódio, uma ameaça. Correu, já sem medo da polícia, apenas com terror de si mesmo. A escuridão ia-o recebendo, como um lago a um afogado. Muitas horas depois, com outras dores, melhores, que o lembravam que estava ainda vivo, viu o leito do Mondego. Enfiou a cabeça na água e estremeceu de frio. Sim, tinha nascido bicho, ou era apenas o mesmo de sempre, mas com intimidade ao medo. Guardou-o numa gaveta do coração e continuou a caminhar. Queria ver o sol nascer, para confirmar que o mundo não estava a acabar. Quando o primeiro clarão surgiu por detrás da encosta, Penacova dormia ainda. Lembrou-se, de repente, do que dizia a dedicatória.

OUTRA MARGEM

Organizando o pânico, Palíndromo prestou atenção ao seu peito. Queria apenas respirar, ganhar fôlego. O som desordenado que vinha dos pulmões quase lhe pareceu entusiasmo. Loucura não era ainda o nome da sua aflição. “Inês, deixo-te um mapa em vez de um beijo. N. G.”

Antes ainda de conseguir pensar, havia imagens na sua cabeça. Como uma desarrumação caseira, coisas espalhadas pelo chão da sua memória. A primeira página em branco do livro era-lhe familiar. Como, não era certo. Este livro, em particular, não era tanto um objecto de ler. Era, usando a palavra da dedicatória, um mapa, um mapa para as fantasias da tia-avó. Dona Inês pegava no livro como sacerdotes pegam em objectos sagrados, ou feiticeiros em bastões. Através do livro, a tia-avó contactava algo de transcendente, apenas sugerido, mas não esgotado no objecto. As histórias de dona Inês vinham de um outro lugar, não de páginas nem do sótão, talvez nem mesmo da sua cabeça de velha.

Tinha de recuperar o livro. Sentiu-se mais calmo ao poder atribuir agora uma causa evidente à sua apreensão. Teria de voltar à casa onde

encontrou a sua mãe morta, a pessoa mais importante do mundo e que já não estava no mundo. Ao ter fugido talvez tivesse passado de familiar em luto a suspeito em fuga. Estava incapaz de imaginar as próximas horas, em tudo o que eram os outros, a cidade, a realidade. Mas a si já entendia um pouco mais. Era um órfão em reconhecimento da sua herança.

O que fez foi insensato. Roubou um caiaque do atrelado de uma associação que organiza descidas do Mondego. Arrastou o casco de plástico, devagar. Um rasto assinalou a sua entrada na água. Sentia prazer no acto clandestino e criminoso. Algo interior, que queria sobreviver, accionava um imperativo mais importante que a lei. Era assustador e distraía-o da dimensão do desconhecido que enfrentava. Ao se preparar para entrar dentro do caiaque, a lua mostrou-lhe que havia alguma corrente. A quietude do reflexo lunar realçava o movimento da água. Teve o cuidado de entrar para o caiaque num sítio em que a água era rasa. Na verdade, teve mesmo de sair e avançar um pouco. O fundo batia ainda na areia da margem, mas conseguiu com a pagaia desencilhar a minúscula embarcação. Entrou numa diagonal que a corrente corrigiu e esse primeiro momento trouxe-lhe uma sobriedade arrepiante. Era um péssimo nadador e nunca tinha remado mais que uns metros, numa brincadeira de crianças na praia. Tinha uma ideia vaga de que em menos de seis horas conseguiria chegar a Coimbra. Eram umas cinco da manhã. A noite dava uma atmosfera dramática à sua ideia. Durante alguns metros, não usou a pagaia. Ficou a pensar que era uma má ideia meter-se Mondego abaixo, em vez de esperar pela manhã e tentar apanhar boleia até Coimbra. Mas a continuidade líquida do caminho ajudou a confirmar o rumo que tinha iniciado.

O rio, reparou Palíndromo, tratava já do rumo. Mais que a geografia do seu leito, o Mondego era um movimento. Remar era apenas a aceleração. Bastava-lhe não contrariar o rio e chegaria. Isto mais o lento amanhecer trazia-lhe uma sensação parecida com esperança. Sonhador, os pensamentos soltos levavam-no a admirar o reflexo da Lua. A pagaia repousava, perpendicular ao caiaque e ao rio. O Mondego era tela comprida, e o luar uma tinta, brilho de arte e assombro.

Quase caiu à água quando voltou a sentir dores. Nas costas feridas se rasgavam, um intenso mal-estar do organismo. A camisola ficou esburacada, como acontece ao papel quando arde. Qualquer coisa interior se abria, osso e músculo se desdobravam, numa metamorfose. Agarrou a pagaia com mais força para não deixar escapar a realidade. Era demais, fechou os olhos, fazendo da respiração um ritual mental. Lembrou-se da voz de dona Inês, a embalar o seu corpo de criança, depois de acordar de um pesadelo. Muitas vezes a tia-avó entrava-lhes nos sonhos maus. Escutava algo como *vai-te embora, coisa feia ou acorda, meu filho*. E a figura de dona Inês fazia-se heróica e enorme e desfazia os monstros todos só com o olhar. Acordava para os braços da sua mãe, inesgotável berço de carinho. Escutou a voz de dona Inês mais uma vez, que lhe dizia palavras doces. Isto é um beijo. Um beijo.

Quando abriu os olhos, o caiaque estava uns metros abaixo. Sentia-se suspenso, confortável. Sustinha-o um balanço que não era de vento. Asas. Tinha asas. Duas enormes velas de carne, que coreografavam a sua levitação. Como um morcego com corpo de gente, Palíndromo esvoaçava. Não conseguiu ter medo. Porque as asas, sendo impossíveis e tão inaugurais, eram-lhe tão naturais como os dentes ou o cabelo. Não teve de aprender. Voava como sempre andou, subia e descia pelos ares como há um par de minutos remava.

Sentiu-se observado. E foi quando o medo regressou. Nas margens, de um e outro lado, havia centenas de pessoas. Pessoas não, seres. Criaturas irreais. Talvez humanos, humanóides pelo menos, ou versões de bichos com aspectos humano. Alguns seriam do tamanho de um gato. Outros tinham a altura de uma casa. Todos olhavam para si, e mesmo Palíndromo se convenceu de que ele é que era a aberração. Talvez estes espectadores sempre tivessem existido. Mas o voo, o seu tão inesperado e natural domínio dos céus era inacreditável.

Sem saber como, pensando apenas em aproximar-se, bateu as asas de morcego até à margem esquerda. Havia centenas de pares, em alguns casos de trios, de olhos a observá-lo. Em alguns segundos estava junto a um choupo, cujos ramos caíam na água.

Restava apenas uma figura, de forma semelhante à de uma pessoa,

mas que não o poderia ser. Todos os outros seres já lá não estavam, ficara apenas o vazio em que a memória de um sonho vê ainda o que a realidade já não contém. Ali ficara este ser, que continuava a olhar para Palíndromo, imóvel, talvez com curiosidade, ou pensando que era invisível.

Pousou na água, que ali tinha apenas alguns centímetros. E ficou, asas um pouco recolhidas, mas visíveis acima dos ombros, de frente para esta figura. Quem olhava para ele tinha orelhas horizontais, como as cabras ou os elfos. Era uma figura esguia, mais alta que ele. Os olhos eram cor de palha, com pupilas como as dos felinos. Tinha uma túnica vestida. Mas era um tecido entre o transparente e o iridescente. Só com o movimento que o vento ou algum pequeno gesto traziam é que era possível perceber o capuz, as enormes mangas ou as pregas. De resto, via-se através daquela estranha vestimenta. Por debaixo havia um humanóide cor de osso. — Palíndromo? — O susto de escutar o seu nome na boca daquela criatura fê-lo bater as asas e iniciar um voo de fuga. Mas a curiosidade era maior. Ainda há minutos lhe tinham crescido asas, fazia pouco sentido o pânico em relação a outras coisas que fossem igualmente fantásticas. Pelo contrário, teria de perceber o que se estava a passar.

— Palíndromo? — A criatura chamou por ele de novo, com um braço estendido.

Pousou de novo, de frente para quem conhecia já o seu nome.

Pegou na mão e abriu a boca de espanto.

— Osso. O meu nome é Osso. — E era também de osso a mão, de facto todo o corpo desta criatura com modos de gente. Antes que tivesse tempo de pensar muito, recebeu um abraço ósseo, delicado. Soube-lhe bem a temperatura daquele corpo, não conseguiu perceber se era o tecido ou o próprio corpo que tanto o reconfortava.

— Vem comigo. — As palavras de Osso eram uma ventania na pele. Não, eram antes um ritmo que atravessava o ar. O som da fala de Osso fazia vibrar todo o seu corpo e havia como que uma cápsula acústica à sua volta. Escutar era sentir Osso. A criatura envolveu Palíndromo com a capa. Dentro da capa cabia muito mais do que o



ANDRÉ MOREIRA

Psicólogo clínico, investigador, doutorando, técnico de apoio à vítima e um ávido consumidor de tudo o que é fantasia, ficção científica e história, André Moreira é natural de Lousada, um pequeno concelho rodeado de montanhas na zona do Vale do Sousa. Escreve desde pequeno, impulsionado pelas leituras e pela grande necessidade de contar ao mundo sobre aquela vez em que umas andorinhas o “atacaram”. Hoje escreve contos e histórias longas, que ficam presas nas gavetas. Excepto esta, que fugiu.

A FÁBRICA DE INOCÊNCIAS

“Menino de 4 anos desapareceu no Parque do Mouchão, na cidade de Tomar. As autoridades estão a envidar todos os esforços para o encontrar. A família está despedaçada e pede a quem tenha informações para que as comunique à polícia.”

O Mensageiro de Tomar, 25 de Outubro de 2020

A cidade de Tomar ficou abalada com o desaparecimento do menino de 4 anos e com a falta de cobertura jornalística por parte da imprensa nacional, mas os eventos das semanas anteriores impediram os habitantes de ficarem verdadeiramente chocados. O desaparecimento apareceu-lhes quase como uma inevitabilidade, um evento pressentido por quase todos os nabantinos como o culminar da tensão, do susto e do medo que envolvia quer os adultos quer as crianças da cidade.

Tudo começara a 7 de Setembro. Tratava-se de um dia solarengo, repleto de um calor agradável à sombra e sufocante ao sol. Havia turistas, casais de namorados passeavam pelas ruas e as esplanadas estavam cheias de gente a apreciar bebidas refrescantes para combater o calor.

A manhã e a tarde decorreram sem qualquer incidente. Toda a gente experienciou a mesma calma atarefada do costume, a que estavam muito habituados e que apreciavam.

Finda a tarde, o calor abrasador foi substituído por uma brisa fresca e estranha. Acariciava as pessoas suavemente, apenas para depois se zangar e fustigá-las com a força de um vendaval durante poucos segundos. Ao fim de algum tempo a suavidade persistiu e atraiu os

nabantinos para a rua, fugidos das suas casas aquecidas por um dia inteiro de raios solares a incidirem sobre as paredes.

Com o novo vento amistoso veio um som. Assemelhava-se a uma música, mas ainda lhe faltava um pouco para o ser. Era arranhado, estridente, baixo e, ao mesmo tempo, alto. Lembrava as bandas sonoras dos filmes americanos em que reinava o suspense, mas também os filmes de desenhos animados para bebés em que as personagens andavam às voltas em carrosséis mágicos. Ressoava pelas ruas do centro histórico e pelas estradas de asfalto ao seu redor, provocava arrepios na espinha e uma constante sensação de desconfiança, mas não a suficiente para mandar todos para casa.

Viam-se, por todo o lado, rostos a virarem-se de um lado para o outro à procura da origem do estranho ruído. Apenas as crianças se mostravam indiferentes ao barulho. Continuavam as suas brincadeiras de fim de dia, saltitavam de um lado para outro e obrigavam os pais a correrem atrás deles para não os perderem de vista.

Apesar dos esforços, a proveniência da música esquisita ficou por identificar. Houve vários palpites. Uns diziam a norte, outros a sul e a grande maioria a oeste.

Foi algo passageiro, mas todos permaneceram alertas ao som. Ele não regressou nos dias seguintes e a maioria das pessoas esqueceu-se dele.

A 16 de Setembro, desta vez pela manhã, voltou a soar. Assim que as primeiras notas alcançaram os ouvidos dos mais atentos e os seus cérebros retiraram do arquivo as memórias do passado dia 7, levantou-se um grande burburinho e houve afluência à esquadra da PSP.

Intrigadas pelos acontecimentos e pressionadas pelo rebuliço da população, as autoridades fizeram-se à estrada em busca da origem da música arrepiante. Seguiram-se pelos boatos dos tomarenses e rumaram a oeste, até aos lados de Juncais de Cima, Venda da Gaita e até Cem Soldos. Nada encontraram. O barulho parecia ser omnipresente e, de todas as vezes que achavam estar perto da sua origem, mudavam-se os ventos e a direção do som.

Os polícias regressaram à esquadra sem qualquer resultado e com uma intranquilidade crescente. As pessoas miravam-nos à espera de

respostas que não chegariam e o olhar confuso e preocupado provocavam-lhes sensações de estranheza.

Cessou pelo meio da tarde e, às cinco da tarde, foi encontrada uma menina de 10 anos muito pequena a usar um vestido florido, a chorar compulsivamente junto à Ermida de Nossa Senhora da Conceição. Ao ser encontrada por uma senhora muito simpática, já com os seus 70 anos, o choro intensificou-se e apontou para um matagal lá perto.

— Ouvi uma música bonita, fui ter com ela e perdi os meus pais. Depois veio um bicho estranho ter comigo — contou ela entre soluços. — Trazia um frasco e um funil e pediu-me para dizer coisas esquisitas. Pediu-me para dizer que vamos todos viver para sempre e que as cegonhas trazem os bebés até casa.

Espalhou-se a notícia e os pais da menina foram encontrados no centro de Tomar, já na esquadra da PSP, a reportar o desaparecimento da sua filha muito aflitos. Foi-lhes devolvida a criança e pedidos os depoimentos, assim como o da velhota que a encontrou.

Os nabantinos comentaram o sucedido entre si, mas todos tiveram dificuldades em acreditar em tão peculiar encontro.

Por um lado, era certo que a música os deixava inquietos e que era assustadora. Por outro, como é que uma menina ia em busca de semelhante som e acabava por encontrar uma criatura estranha que lhe pedia para dizer frases de criança enquanto segurava um funil? Tudo aquilo parecia saído de uma história esquisita feita para deixar as pessoas com medo do escuro. Mas algo era inegável, a menina tinha *de facto* ficado atemorizada e tinha *de facto* estado desaparecida durante mais de uma hora.

Acabaram por atribuir a historieta à imaginação fértil da rapariga e a origem da música a alguns adolescentes aborrecidos com o objetivo de atazanar a alma dos adultos incautos.

Por uma segunda vez, esqueceram-se do que acontecera e voltaram às suas rotinas descansadas.

A 28 de Setembro voltou a ocorrer algo estranho. Não houve qualquer som, qualquer choro de criança ou sensação de desconfiança. Na verdade, ninguém é capaz de especificar o dia em que começaram a

desaparecer os desenhos dos miúdos de Tomar, mas é certo que os frigoríficos ficaram despídos e os seus quartos perderam muita da cor.

Assim que a primeira pessoa reparou no desaparecimento dos desenhos, todos os outros pais, avós, tios, padrinhos, professores e educadores também repararam. Foram, quase imediatamente, acossados por lamentos dos seus filhos que diziam já se queixar há muito tempo de ouvir barulhos estranhos antes dos desenhos desaparecerem.

Em conversa, alguns disseram ter reparado que alguns desenhos não estavam lá ainda antes de dia 28 de Setembro sem, no entanto, darem qualquer importância ao fenómeno.

Ficaram todos mais alerta para possíveis assaltantes e perigos nocturnos. Foram ainda muitos os que mantiveram o discurso de partidas de adolescentes, mas estava tudo a tornar-se demasiado surreal para ser obra de mentes na puberdade. A polícia aumentou a frequência das rondas e dedicaram mais tempo às zonas escuras e mais isoladas, mas não identificaram qualquer criminoso e os esforços provaram-se insuficientes.

Os eventos estranhos tornaram-se menos esporádicos e, no dia 3 de Outubro, as professoras e funcionárias de uma escola viram um grande ajuntamento de crianças, ao qual acorreram imediatamente, pensando que se tratava de algum ferimento ou briga de miúdos. De lá provinham muitas gargalhadas e risinhos tímidos, como se um palhaço estivesse em pleno espectáculo dedicado aos pequenos.

Durante a aproximação repararam num forte odor a algodão-doce e caramelo proveniente do grupo de meninos. Acharam estranho e pensaram tratar-se de um saco de guloseimas trazido por um dos alunos.

Estavam já muito perto das crianças quando, de súbito, se instalou um silêncio sepulcral e um som arranhado surgiu, em muito semelhante à música ouvida nalguns dos dias anteriores. Os miúdos irromperam em choro e acorreram às professoras e funcionárias, queixando-se de que alguma coisa as forçara a rir sem parar e que lhes doía o peito e mal conseguiam respirar.

A escola foi passada a pente fino. Nada foi encontrado e o cheiro a



ÂNGELO TEODORO

Ângelo Teodoro nasceu em Torres Vedras, em Janeiro de 1978. Licenciou-se em Psicologia Clínica, em Lisboa. Durante o dia é psicólogo e à noite transforma-se num autor de histórias de mistério e suspense. Na escrita, gosta de se atrever em diversos géneros literários, mas tem uma maior inclinação para histórias de suspense, intensas e dramáticas. Já publicou diversos contos em antologias, onde se inclui a Editorial Divergência.

**HISTÓRIA NÃO
AUTORIZADA
DAS LINHAS
DE TORRES**

Vi o Guedes a correr pela rua, e juro que se tivesse uma faca picava a perna para ter a certeza de que não estava a sonhar. Atravessou a estrada em direcção ao centro da cidade, envolvido na enigmática bruma das noites frias de Fevereiro.

— É a primeira vez que vejo um fantasma. — O Amaral tocou-me no ombro para chamar a atenção e apontou com o indicador. Estávamos agachados na parede norte do antigo matadouro (há muito que não funcionava, mas as paredes ainda cheiravam a sangue de vaca). O vulto passou frente ao café Copacabana e seguiu encostado ao muro que segurava alguns jardins interiores.

— Não acredito em fantasmas, Amaral.

— Eu também não acreditava.

A noite jorrava um luar intenso, feito de vapor de mistério. Uma música com sotaque tropical chegava com a aragem de oeste. Quando me levantei, toquei na arma que trazia acomodada no coldre: o que valia uma bala contra um fantasma?

— Atrás dele. Desta vez não o vamos perder. — Seguimos encostados ao muro. Guedes tinha ganho alguma distância. Cobriu a cabeça com o capuz do casaco preto: tapou os cabelos finos e oleosos e a pele demasiado branca e húmida. A música aumentava de volume e começámos a ouvir os primeiros gritos. No outro lado da estrada passou um vampiro a segurar uma bruxa ao colo e a cantar a estrofe de um samba. Detestava trabalhar nas noites de Carnaval, mas todos os anos o chefe indicava o meu nome, talvez por ter nascido na cidade. O caminho até à Igreja de S. Pedro encheu-se de dráculas, zorros,

matrafonas, marias cachuchas e zés pereiras. Empurrei dois ou três para ganhar espaço naquela densa mole humana. Acelerei o passo e Amaral ficou para trás, com o peso do cansaço e dos quilos de massa gorda. Vi-o inclinado para a frente, com as mãos nos joelhos, e fez-me sinal para continuar. Quando retomei o passo, perdi-me no aglomerado frenético de braços, risos, lágrimas, impulsos de uma alegria mascarada e momentos de tristeza fingida. Uma música quase delirante transbordava para as ruas e para os movimentos descoordenados dos foliões. Por vezes, a cabeça do fantasma emergia da multidão, como o dorso de uma criatura devónica. Estiquei a cabeça. Pulei nos ombros dos que passavam. Olhei para todos os lados. Até que desapareceu, como um corpo etéreo que se mistura com os outros corpos e se transforma num fumo que atravessa as coisas reais. Voltei atrás para saber do Amaral: estava encostado à parede, a suar como uma cafeteira ao lume. Agarrou-me o ombro com a mão, dura e seca como pedra.

— Viste o fantasma?

— Desapareceu.

— O chefe não vai gostar. — Não gostou. Quando voltámos à esquadra, perto da zona mais calma da várzea, o chefe esperava-nos de mãos nas ancas, pernas abertas, e pescoço descaído para a frente. Foi uma longa noite de explicações, gritaria e discussões, formulação de hipóteses sobrenaturais, culpas, responsabilidades, e pistas perdidas. Havia apenas um ganho: finalmente alguém viu Guedes, o fantasma.

Há muito que andávamos atrás dele. Guedes era apenas um nome sem face, perdido na memória dos que se cruzaram com ele. Ninguém o conhecia. Ninguém o tinha visto. Um fantasma.

Começou com o desaparecimento de três galinhas de umas capoeiras no Bairro Arenes; depois desapareceram dois cães. Um homem do bairro disse-nos ter visto uma mancha negra a levar um dos animais. Tinha uma luz branca no lugar da cara e pairava em vez de andar. As patrulhas saíram à rua, nas noites seguintes, e encontraram penas de galinha à porta de uma casa, na Rua de S. Miguel. Ninguém nos atendeu. Colocámos homens de vigia durante dias e noites seguidas, mas ninguém entrava ou saía por aquela porta, não havia sequer um

sinal de vida. Descobrimos que aquela casa era de um tal de Guedes. Ninguém o conhecia. A casa não estava abandonada, mas parecia mal cuidada, contrastava com as paredes caiadas e vasos de flores bem apresentados dos vizinhos. Em poucos dias, todos falavam de Guedes, o fantasma de Torres Vedras. O chefe arrepiava-se quando se falava nele e mandava-nos em buscas inúteis pela cidade. Com o passar do tempo, tudo acalmou. O assunto foi esquecido e voltámos às nossas patrulhas habituais. Até àquela sexta-feira de Carnaval.

Depois daquela noite, não voltei a pensar no assunto até à Quarta-feira de Cinzas. Esperava que ninguém me perguntasse se tinha visto um fantasma, se acreditava em almas penadas que roubam galinhas, em espíritos errantes que se perdem em músicas de Carnaval. Ao fim do dia, quando alguns colegas polícias saíram para vigiar o enterro do Entrudo, aproveitei para ler novamente o processo. Começava com a primeira queixa do roubo das galinhas, tinha fotos, atestados e vários relatórios de outros colegas polícias. Uma breve nota escrita à mão, no fim de uma página, chamou-me a atenção: "Descendente de Álvaro Guedes, herói das linhas defensivas de Torres Vedras". E havia ainda uma nova informação, acrescentada ao processo há pouco tempo: "As contas são pagas pela senhora Beatriz Redol, moradora na Rua do Quebra-Costas. Ver recibos em anexo". Existiam cópias de vários recibos de água, luz e outras contas de baixo valor.

Saí da esquadra. Consegui ver o Entrudo – malandro de poucos remorsos – a ser julgado e queimado no largo do tribunal. Em breve a cidade estaria limpa da folia carnavalesca.

Na quinta-feira de manhã fui à Biblioteca Municipal, no centro da cidade movimentada. A dona Amélia cruzava os braços em cima do balcão, em silêncio, com um lenço na cabeça e uma careta. Pousei a mão perto dela para interromper aquele olhar de rapina.

— Pode indicar-me onde estão os livros históricos?

Sem deixar de olhar para mim, esticou o dedo na direcção de uma prateleira de livros antigos.

— Calem-se. — Um olhar de tortura aterrou num grupo de estudantes que começava a falar decibéis acima do que era permi-

ÍNDICE

ÀS QUE NO TEJO SE AVISTAM	3
Pedro Coelho	
ASAS, FURACÃO	33
Nuno R.	
A FÁBRICA DE INOCÊNCIAS	55
André Moreira	
HISTÓRIA NÃO AUTORIZADA DAS LINHAS DE TORRES	71
Ângelo Teodoro	
A MEMÓRIA DA PEDRA TRABALHADA	91
AMP Rodriguez	
MUDA-SE O SER	115
João Cerqueira	
NATALLOWEEN	129
Nuno Amaral Jorge	
A NINFA E OS AZULEJOS	155
Ana C. Reis	
A TORRE NO MAR	173
Gonçalo Diniz	
O ÚLTIMO CARRASCO DE LISBOA	189
A. M. Catarino	